

## Conclusão

Fazer a crítica da moral significa muito mais do que simplesmente pensar os valores morais aos quais o ocidente esteve ligado nos dois últimos milênios e opor a eles valores novos. Nietzsche percebeu que a força da moral residia nos efeitos de poder produzidos por todo discurso que se quer como verdade. Se um valor moral se encontrasse sustentado por uma espécie de pensamento aceito como verdadeiro, então ele estaria legitimado. A psicologia de Nietzsche foi capaz de enxergar outros interesses por trás do pensamento filosófico que buscava o conhecimento puro e desinteressado. A fachada de conhecimento deu ao pensamento a ilusão de que uma criação humana pudesse ser mais do que apenas uma perspectiva sobre as coisas. Acreditou-se que o pensamento, através da linguagem, fosse capaz de alcançar as coisas mesmas e não fosse apenas uma forma de relação do homem com as coisas. Desta forma, o bem e o mal foram definidos como absolutos, pois o conhecimento que os legitimava era entendido como verdade. Fazer a crítica da moral implicava em fazer a crítica daquilo que servia como base de sustentação para esta moral.

Nietzsche percebeu que os valores morais tiravam sua força coercitiva deste discurso de verdade e foi além. Desvendou que as próprias teorias filosóficas do conhecimento, que diziam buscar a verdade de um ponto de vista desinteressado, possuíam, no fundo, o enorme interesse em propor os seus próprios valores como verdades do conhecimento. Ao apontar para este interesse por trás do “desinteresse”, Nietzsche mostra que não é possível um conhecimento desinteressado, pois não é possível um conhecimento que não seja perspectivo. Todo pensamento, toda teoria, parte de um ser humano, de um pensador, de um cientista, suas conclusões são, portanto, conclusões que se relacionam com a perspectiva que o engendrou, isto é, a do próprio ser humano. Não há como um pensamento não ser perspectivo, pois ao nascer, ele nasce de algum lugar e vê as coisas deste ponto. Não há como o conhecimento abarcar o todo, nem todas as perspectivas. Neste sentido, o conhecimento só pode aparecer como uma interpretação possível dentre outras, sendo sempre parcial.

É importante enfatizar o caráter interpretativo de toda perspectiva. O homem através de sua ciência, de seu conhecimento e também de sua arte interpreta o mundo com o qual se relaciona. Estas criações, por mais belas e eficientes que sejam, são formas que o homem

tem de se relacionar com as coisas e o faz a partir de seus meios como a linguagem. Todo conhecimento, na medida em que é expresso em uma linguagem que o homem inventou, se mostra como uma forma de relação entre o homem e as coisas. O que significa que não pode mais se sustentar como verdade, no sentido metafísico até então defendido pela filosofia. O conhecimento filosófico que era capaz de apresentar a verdade sobre o bem e o mal se torna uma interpretação perspectiva tornada possível através do uso de meios inventados pelo próprio homem para tentar traduzir o que pensa e sente. Se o próprio pensamento se der pelo uso da linguagem, então talvez seja completamente impossível ao homem fugir do antropomorfismo.

“*Matemática* – Vamos introduzir o refinamento e o rigor da matemática em todas as ciências, até onde seja possível, não na crença de que por essa via conheceremos as coisas, mas para assim *constatar* nossa relação humana com as coisas. A matemática é apenas o meio para o conhecimento geral e derradeiro do homem.”<sup>1</sup>

Vê-se que a crítica à moral implica em uma longa crítica da idéia de verdade e da maneira como se pensou até hoje o conhecimento. Contudo, seria então impossível, ou ao menos inútil, todo trabalho filosófico ou científico? – Nietzsche não deixa que sua crítica se acabe em um pessimismo vazio, onde nada mais valeria a pena. Ao contrário, esta sensação de vazio decorre do fato de que por muito tempo o homem viveu acreditando que era preciso a segurança da verdade em suas criações. Contudo, em todos os casos foi este mesmo homem quem concedeu os valores às coisas. Se o conhecimento é uma relação do homem com as coisas, não chegando a algum tipo de realidade em si, é porque foi o próprio homem quem criou a idéia de verdade e acreditou que ela existia da forma como queria. Se ele hoje percebe que a criou e não mais crê, então, ao contrário de se ver em um vazio desprovido de valor e sentido, pode perceber que pela primeira vez tem a oportunidade de criar seus valores e seus sentidos sabendo que isto é uma criação. *A humanidade está diante da liberdade*. Tudo aquilo que o homem entendeu como moral, conhecimento e verdade são criações humanas, mas isto não quer dizer que ele não possa mais criar, ao contrario, isto quer dizer que somente agora ele pode criar a si mesmo como quiser. *O homem enfim é possível*. Até então, sua potência estava limitada pela lógica, pela moral, pela idéia de verdade e conhecimento. Tais limitações visavam manter o homem em um patamar baixo

---

<sup>1</sup> Nietzsche. “Gaia ciência”, 246

de potência, tais pensamentos objetivavam o enfraquecimento do homem. Por isto, para Nietzsche, toda moral e todo discurso de verdade é um sintoma de fraqueza, na medida em que visa controlar toda a potência dos afetos humanos, sem lhes desenvolver e aperfeiçoar, mas lhes extirpando. O sentido de sua crítica foi o de liberar esta potência até então proibida e ele consegue na medida em que tira o sustentáculo do conhecimento científico e abre então para os demais tipos de conhecimento, até então recalcados pela tradição.

É neste ponto que Nietzsche apresenta também a sua criação, a sua proposta, a sua interpretação parcial e perspectiva da vida. O fato de que o conhecimento seja uma criação não impede que Nietzsche crie. Ao contrário, para Nietzsche somente agora a filosofia é possível, pois somente agora ela poderá criar de acordo com seus objetivos. O objetivo de Nietzsche é criar uma filosofia que seja capaz de levar o homem ao seu mais alto grau de potência e desenvolvimento. É neste sentido que formulará as idéias de vontade de potência, eterno retorno e super-homem.

A vontade de potência é sua interpretação amoral da constituição das coisas. Tudo o que existe é manifestação imediata de potência. Esta potência não poderia não se realizar, pois, neste caso, não seria potência, seria impotência. A potência está expressa a cada instante. Com isto, termina-se com a idéia de que existe um bem e um mal por detrás do mundo e que regeria todos os acontecimentos. Ao contrário, os acontecimentos são entendidos como resultantes da correlação entre as forças expressas a cada instante. Esta interpretação restaura a inocência do devir e ainda aponta para a boa consciência que se deve ter para com suas próprias vontades.

Por mais que Nietzsche apresente a vontade de potência como hipótese interpretativa, ele não deixa de ver e interpretar o mundo a partir desta perspectiva. O filósofo realmente crê que o que há são correlações de forças expressas em potência a cada instante. Mas sabe também que esta é a sua forma de interpretar o mundo, sabe que é uma forma de enxergar as coisas e pensá-las. Nietzsche sabe também que a vontade de potência é uma idéia expressa em conceitos que tenta tornar inteligível para o homem o modo como as coisas são. E que, por mais que se concorde com a adequação da idéia ao objeto, isto não faz com que a vontade de potência seja uma verdade.

Com a crítica feita à verdade e a partir da teoria da vontade de potência, tem-se um deslocamento da questão moral. Ela não pode mais subsistir com tanta força, pois seus

meios de coerção não possuem mais a mesma persuasão. O homem, quando liberado da moral e do dever, é obrigado a encontrar-se consigo mesmo. A sensação de vazio e de impotência é uma das formas como o homem passou a sentir a vida a partir da ausência da verdade moral. Contudo, se não há moral e se a verdade é uma criação, então existe uma contra-partida a este sentimento de impotência que é o seu extremo oposto. Para Nietzsche somente agora o homem pode olhar para si mesmo com boa consciência, pois seus desejos não são mais caluniados por uma moral que negue as propensões naturais do homem em nome de algo inventado como verdade. Agora o homem pode dar vazão à sua força e tornar-se cada vez mais forte e maior. Tem-se enfim, que pensar a ética. Ética em Nietzsche significa este trabalho do homem liberto da moral sobre si mesmo em busca de grandeza, a partir das suas próprias paixões e desejos. Por isto foi preciso derrubar a moral. Esta, como estratégia dos fracos, impedia o homem de realizar sua paixão e seu desejo, isto é, impedia o homem de tornar-se si mesmo. A ética será este trabalho de criar a si mesmo em direção à grandeza e à beleza do mais alto grau de potência.

O ponto culminante desta ética seria o super-homem, um homem tão forte e pleno que poderia ser considerado como algo além do homem. Diante do estado de torpor niilista em que vive o homem após a perda de suas crenças, Nietzsche cria um novo objetivo para a vida. Se, antes, o sentido da vida era o de obedecer a regras morais filosóficas ou religiosas, e o sentimento de estar ao lado da verdade ou de estar salvo junto a deus era a recompensa que trazia o bem-estar, hoje essas justificativas não mais proporcionam este mesmo sentimento. E se não proporcionam é pelo simples fato de que nelas não mais se crê como antigamente. A crença na existência de deus e em que a obediência a seus mandamentos traria a salvação proporcionava um sentimento de resignação frente à dor que a vida poderia causar. Hoje em dia não mais se aceita esse tipo de explicação para se conferir sentido à existência. Sofre-se de um vazio de sentido existencial. É preciso, pois, conferir um sentido à existência. Um sentido que a engrandeça e a fortaleça. Um sentido que torne a vida digna de ser vivida. Para Nietzsche este sentido é o super-homem. O homem pode se direcionar para o desenvolvimento de si mesmo e de sua própria grandeza. Esta é a ética de Nietzsche: viver, a partir de suas próprias paixões e desejos, aquilo que lhe dá o maior sentimento de força e amor e, a partir daí, desenvolver-se ao máximo neste caminho,

produzindo uma grandeza passível de ser apreciada por inúmeras gerações e, quem sabe, pela eternidade.

Contudo, Nietzsche sabe que está a criar um objetivo e um sentido. Nietzsche inventa o super-homem e o apresenta como ideal de grandeza para a humanidade. Mas Nietzsche sabe que inventou um ideal. Nada pode parecer mais contraditório do que a invenção de um ideal por parte de Nietzsche. Mas o filósofo sabe que está a inventar, a criar, e sabe que este é o único caminho afirmativo possível para a humanidade hoje. Pode-se voltar às crenças metafísicas e aos messianismos, pode-se prostrar-se em um niilismo passivo e querer o nada, até mesmo nada querer, mas, para que a vida humana seja afirmada, é preciso que se crie uma proposta e que se saiba que esta proposta é uma criação. O saber-se criação por parte do ideal do super-homem o diferencia de todos os demais ideais anteriores. O super-homem é uma proposta, precisa ser querido para acontecer, ele não é uma imposição que precisa ser obedecida. Ele não é uma verdade, é uma vontade. O super-homem aparece como a proposta afirmativa de Nietzsche para a vida. Um ideal de grandeza em oposição a toda negação e fraqueza diante da vida. O sentido do super-homem é levar a humanidade ao seu mais alto grau de potência. Mas é só uma proposta, podemos escolher o último homem: o homem mesquinho, inseguro, medroso diante da vida, que busca apenas proteger sua pobre existência de qualquer risco e qualquer tentativa, em suma, o homem burguês.

O eterno retorno aparece, aqui, como uma espécie de prova de afirmação da vida. Nietzsche cria um pensamento que, caso seja afirmado, implica na afirmação incondicional da vida. O eterno retorno seria uma forma de adestrar os homens em direção ao super-homem e de selecionar os realmente aptos para a tarefa. Se descobríssemos que viveremos nossas vidas um número infinito de vezes, seríamos capazes de gostar desta profecia? Se isto não fosse uma escolha, seríamos obrigados a fazer de nossas vidas algo de bom, pois ela retornaria: “a questão em tudo e em cada coisa, ‘Você quer isso mais uma vez e por incontáveis vezes?’, pesaria sobre seus atos como o maior dos pesos.”<sup>2</sup> O eterno retorno pode ser pensado como um questionamento ético, na medida em que afirmá-lo implica em aderir de forma incondicional à vida com tudo o que ela tenha de dor ou de alegria. Quem for capaz querer o eterno retorno de tudo aquilo que já passou é porque sente-se justificado

---

<sup>2</sup> Nietzsche, *Gaia ciência*, 341

no instante presente. O eterno retorno implica em não somente aceitar, mas também querer tudo o que foi. Somente assim afirma-se a toda a existência de uma só vez.

Em oposição a uma história que sempre buscou diminuir a vida, Nietzsche apresentou a genealogia da moral. Diante dos escombros da decadência, ele ergue suas interpretações e propostas afirmativas para toda humanidade. Não há como entender Nietzsche como um pessimista ou niilista. Ao contrário, Nietzsche nos mostrou como estivemos atados a valores que nos diminuía e como se pode agora criar para si mesmo um ideal de grandeza. Nada poderia ser mais afirmativo e pleno de vitalidade. A alegria de viver.

Neste ponto é de suma importância reafirmar e enfatizar o caráter hipotético e especulativo não só da filosofia, mas de todo e qualquer pensamento. Pode até mesmo parecer contraditório que a total ausência de fundamentos e bases possa formar algum tipo de alicerce sobre o qual se possa erguer uma teoria ou um pensamento qualquer. Mas é para isto que Nietzsche chama atenção quando diz que enfrentou e superou o niilismo.

“Só tarde demais temos coragem para aquilo que sabemos ser pertinente. Só há muito pouco tempo confessei a mim mesmo que, até então, fui profundamente niilista; a energia e a apatia com as quais segui em frente enquanto niilista, me enganaram sobre este fato fundamental. **Quando caminhamos em direção a uma meta, parece inconcebível que ‘a ausência de meta em si’ possa ser nosso princípio de crença.**”<sup>3</sup>

Até mesmo para o próprio Nietzsche foi difícil aceitar que a direção e a meta possam nascer diretamente da ausência de metas. Este aforismo mostra que é justamente a partir da ausência de fundamento e sentido prévio para a existência e para o conhecimento, que é justamente a partir do entendimento da verdade moral enquanto crença, que se pode formular novas propostas para a humanidade. Somente ao se aceitar esta condição trágica inicial é que a meta, o objetivo e o sentido poderão ser entendidos como humanos, demasiado humanos. Somente assim poderão respeitar a vida em seu caráter criador e ilusório. Caráter este que Nietzsche não se cansou de enfatizar como mais importante do que a verdade. O pensamento e a solução de questões humanas somente podem ser apresentados de um ponto de vista humano. Toda filosofia, na medida em que se outorgar o caráter de solução definitiva estará repetindo o movimento de acreditar no próprio mito. É

<sup>3</sup> Nietzsche, “Fragments Posthumes”, XIII, 9[123] (grifo nosso)

desta forma que a ausência de sentido e meta deve forçar o homem a ser capaz de *criar* um sentido e uma meta. A real força do pensamento ético de Nietzsche consiste em devolver ao ser humano o poder de criar para si o sentido de sua própria existência a partir de suas paixões e com boa consciência.